

*Neste domingo, centremos a nossa atenção na curiosa parábola contada por Jesus.*

*Esta parábola fala-nos do quotidiano na Palestina ao tempo de Jesus. Estamos na época das vindimas. Os grandes proprietários precisam de trabalhadores. Para os tarefeiros, que não possuem trabalho fixo, esta é uma oportunidade a não perder. Por isso, logo de manhã cedo, rumam à praça situada no centro da povoação, à espera de serem chamados. É precisamente aqui que começa a parábola.*

*Ainda o sol não começou a espreitar, e eis que chega um viticultor à procura de operários. Com meia dúzia de apressadas palavras, acerta o salário com os jornaleiros mais madrugadores, e condu-los à sua vinha. Mas, porque o trabalho é muito, o proprietário regressa mais quatro vezes à praça central da povoação: a meio da manhã, ao meio dia, às três horas da tarde. Quando contrata o último grupo, já são cinco horas da tarde. Falta apenas uma hora para o pôr do sol! Até aqui, tudo decorre normalmente. O problema surgirá na hora do pagamento.*

*À noite, na hora do acerto de contas, o proprietário começa a remunerar os jornaleiros... a começar pelos últimos! Provoca então a fúria dos operários que, após doze horas de trabalho, têm o rosto queimado pelo sol e transtornado pelo cansaço. Que injustiça! – bradam os jornaleiros da primeira hora... Mas é precisamente no procedimento “injusto” do proprietário que devemos procurar o ensinamento da parábola.*

*Com esta parábola, Jesus pretende denunciar uma “religião de méritos”. É que, naquele tempo, o ensino dos rabinos de Israel era este: “quem cumpre um preceito, ganha um advogado; quem pratica uma transgressão, ganha um acusador; todos os julgamentos de Deus se baseiam no princípio da medida por medida”. O povo, catequizado pela classe sacerdotal, esqueceu assim o Deus misericordioso, anunciado pelos profetas, e substituiu-o por um Deus distante e um legislador e juiz sem entranhas de misericórdia.*

*A conclusão que tiramos da parábola deste domingo é esta: a maior praga que se pode abater sobre o cristianismo é a RELIGIÃO DE MÉRITOS. Os defensores da religião de méritos raciocinam deste modo: porque é que eu, que observo escrupulosamente os mandamentos, me hei-de colocar no mesmo patamar dos transgressores? Porque há-de a Igreja acolher o “amancebado”, o toxicodependente e aquele que raramente vai à Igreja?*

*Nada há de mais prejudicial numa comunidade cristã do que os “justos”, rigorosos observantes dos “mandamentos da Santa Igreja”, agarrados a um ilimitado número de seráficas beatices. Porquê? Porque a esses “justos” falta-lhes algo de fundamental: entranhas de misericórdia. Daí a inveja que os corrói ao verem que os convertidos à última hora, trabalharam menos e desfrutaram a vida um pouco arredados dos “mandamentos da Santa Igreja”.*

*Os defensores da religião dos méritos incorrem num grande erro: pensam que a observância da Lei de Deus merece uma recompensa. Mas não! O que constitui a*

*verdadeira recompensa é a fidelidade a Deus. E, muitas vezes, aquele que andaram arredados dos caminhos da religião estão bem mais perto de Deus do que os zelosos cumpridores dos mandamentos!*

*Tomo agora um exemplo para ilustrar aquilo que acabo de afirmar. Imaginemos alguém que, desde pequeno, estudou música e a ela se dedicou diariamente várias horas. Outro começou-se a dedicar à música aos cinquenta anos. Qual é o prémio que ambos esperam? Apenas este: a alegria de apreciar a música. A única diferença é esta: quem começou em primeiro lugar, teve mais tempo para executar e saborear trechos musicais; por isso, a sua alegria será mais profunda.*

*O cristão é, pois, alguém que descobriu a beleza do amor desinteressado, alguém que faz o bem pelo prazer de fazer o bem. Pelo contrário, todos quantos pertencem à religião de méritos, queles que correm em busca de um prémio, para obter merecimentos, esses acreditam num deus do paganismo... e estão muito longe de Jesus Cristo! Estão bastante mais perto, muito mais perto do Deus do Islão do que do Deus do Cristianismo!*